

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA –
CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL
25 de Outubro de 2023

POWER AND THE LAND / 1940

um filme de JORIS IVENS

Realização: Joris Ivens / Argumento: Joris Ivens, Edwin Locke / Câmara: Floyd Crosby, Arthur Ornitz / Montagem: Helen Van Dongen / Música: Douglas Moore / Comentário: Stephen Vincent Benet / *Voz off*: William P. Adams.

Produção: U.S. Film Service, para o R.E.A. (Rural Electrification Administration), Departamento de Agricultura, Washington / Cópia: 35mm, preto e branco, legendada electronicamente em português / Duração: 38 minutos / Estreia Mundial: 31 de Agosto de 1940, The Old Trail, St. Clairsville, Ohio / Primeira exibição na Cinemateca: 15 de Abril de 1983, Ciclo Joris Ivens. Divulgado em Portugal com o título "Fazendas Iluminadas".

VALLEY TOWN /1940

um filme de WILLARD VAN DYKE

Realização: Willard Van Dyke / Argumento e Comentário: Spencer Pollard, Willard van Dyke e Ben Maddow / Fotografia: Roger Barlow e Bob Churchill / Música: Marc Blitzstein / Montagem: Irving Lerner.

Produção: Instituto do Filme Educativo da Universidade de Nova Iorque / Cópia: 35mm, preto e branco, legendada electronicamente em português / Duração: 28 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

MEN AND DUST /1940

um filme de LEE DICK

Realização: Lee Dick / Argumento e Comentário: Sheldon Dick / Fotografia: Sheldon Dick / Música: Fred Stewart / Montagem: Jules Bucher.

Produção: Dial Films / Produtores: Lee e Sheldon Dick / Cópia: digital (DCP), preto e branco, legendada electronicamente em português / Duração: 16 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão apresentada por Tanya Goldman.

"O argumento original mostrava um dia no trabalho de uma quinta sem electricidade. O Departamento da Agricultura queria que o filme fosse um registo histórico do trabalho do agricultor antes que a Rural Electrification Administration trouxesse a electricidade. Isso fez com que víssemos o filme como uma narrativa de um antes e de um depois, que contava uma história com cor e delicadeza. Quando percebi que não poderia incluir o drama do conflito entre os agricultores e as entidades privadas, esta história do antes e do depois afigurou-se

como a melhor alternativa. Conseguir a electricidade seria uma espécie de transição”. Assim se referiu Joris Ivens a **Power and the Land** nas suas memórias, *The Camera and I*. A parte mais significativa é a passagem em que se refere à impossibilidade de figurar um conflito (“entre os agricultores e as entidades privadas”), certamente um pouco a despropósito face às preocupações dos comanditários (justamente a entidade criada para promover e supervisionar a electrificação de várias zonas rurais do território norte-americano) e até face ao idealismo, simples e optimista, subjacente ao projecto. Ora, de certo modo, uma vez confirmada a impossibilidade de “complexificar” o filme, Ivens abraçou esse idealismo sem nenhuma espécie de pé-a-trás. Hoje, quando a questão da electrificação das zonas rurais parece coisa tão pacífica que não há qualquer necessidade de alguém ser “convencido” da sua importância (e até numa altura em que se questiona, justamente, a tecnologia como solução mirífica para todos os problemas), esses assuntos são os que menos prendem ao espectador ao **Power and the Land**. Nem é sequer a questão da óbvia “mise en scène” com que Ivens dirigiu a família retratada, que durante alguns anos foi discutida como um exemplo das fronteiras entre documentário e ficção, e até de um ponto de vista da “ética” documental – com toda a água que desde 1940 passou debaixo das pontes do documentário (e da ficção), também esse tema, se merece ser registado pela relativa originalidade contextual, nos parece hoje perfeitamente pacífica. O que resiste, então, o que garante que um filme que foi tanto um fruto de um contexto muito preciso viva muito para além desse contexto, e até esquecendo esse contexto, é a força do olhar, com um tanto de lírico, um tanto de telúrico, de Joris Ivens sobre “um dia na vida” de uma família de camponeses do Ohio, e o documento disso que o filme é. Idealista, mesmo no retrato do “antes” (da electrificação), é um filme que bem pode ser cotejado com tantos retratos da mesma ruralidade feitos na altura (ou um pouco antes, ou um pouco mais tarde) pelo cinema de ficção, e é quase uma variação documental do género da “americana”. Tanto assim que mesmo nas cenas do “depois” não há choque nenhum, não há indícios do “mundo novo” que a tecnologia sobreporia ao “mundo antigo” – é o mesmo mundo, apenas “simplificado”.

Valley Town, de Willard van Dyke, retrata uma situação bem menos optimista, a vaga de desemprego entre os trabalhadores da indústria metalúrgica da Pensilvânia (em parte, a mesma indústria, os mesmos trabalhadores, que formam o estrato sociológico do **The Deer Hunter** de Cimino, perto de 40 anos mais tarde). Liga-se a *Power and the Land*, para além de todas as diferenças mas também de todas as similitudes contextuais, pela forma como também “dirige”, como põe pessoas “reais” a agir dentro duma mise en scène que em momentos se aproxima da ficção (os diálogos entre marido e mulher sobre a falta de perspectivas de emprego são disso um maravilhoso exemplo, e mais uma vez parecem “pedir” o cotejo com a ficção “canónica” que foi contemporânea do filme. Mas tudo é uma questão de formas, também, de “coreografia” da relação dos homens com os objectos industriais – como muitos anos mais tarde confirmou van Dyke: *“it was shot as a ballet, edited as a ballet and scored as a ballet”*.

Finalmente, o filme mais curto da sessão, **Men and Dust**, obra do casal Lee & Sheldon Dick. Certamente o mais dramático destes três filmes, e algo (dramático) que ele pretendia ser enquanto alerta para os efeitos nefastos das poeiras das minas de carvão do Oklahoma sobre a saúde dos mineiros que nelas trabalham. Talvez seja o filme mais convencional da sessão, também, mas atente-se na potência lírica, visualmente lírica, daquela dualidade que lhe está no centro – os campos abertos, o céu enorme, da ruralidade do Oklahoma, e os confins cerrados e escuros como breu das profundezas das minas.

Luís Miguel Oliveira